

173. CRÓNICA 173: UMA VISITA VIRTUAL AO FAIAL: AS BOIAS DA MEMÓRIA DE MANUEL LEAL. 8/7/17



Não sou crítico literário nem entendo sobre as tendências da literatura. Sou um básico apreciador de livros que, normalmente, classifico de duas formas: gosto ou não gosto, depois há 60 cambiantes de cinzentos entre esses extremos “60 shades of grey, e não é o filme). Normalmente, o que acontece quando gosto de um livro, começo a ler e em todos os momentos livres volto ao seu contacto para atingir o fim. Se, pelo contrário um livro não me cativa nas primeiras 30 páginas, vou arrastando a leitura até esta se tornar penosa e eu o abandonar a meio. São imensos os que cabem nesta última categoria por mais afamados e premiados que sejam os autores. Noutras ocasiões apesar de não estar a ser satisfeito o meu gosto pela leitura, vou pensosamente adiando deixá-lo de parte e, por vezes, o milagre acontece.

Lembro-me bem, há uns anos atrás, que o Passageiro em Trânsito de Cristóvão de Aguiar demorou quase 80 páginas a cativar-me e a prender-me até ao fim do livro. Talvez fosse uma exceção em que a trama da aranha ia tecendo a sua teia até me envolver totalmente. Doutras vezes, acontece que vou tomando notas mentais à medida que progrido na lenta descoberta do conteúdo de um livro. Foi o que me aconteceu recentemente com *As boias da memória* de Manuel Leal. Um livro que não se pode adquirir no mercado açoriano ou português, pois nenhum editor ou distribuidor se mostrou interessado e como o autor vive nos EUA, há décadas, vai certamente passar ao lado da maior parte dos leitores que gostariam de o ler.

Não sendo um tratado de genealogia no verdadeiro sentido da palavra, cumpre a função de catalogar centenas de habitantes do Faial nas décadas de 1940 e 1950, prosseguindo com a sua árvore até aos nossos dias. Vou antes do meio do livro, finalmente, inventei tempo para mim...estou a gostar dos detalhes narrativos (por vezes até em demasia, mas percebe-se porquê...) e a visitar uma terra como imaginei que seria bem antes de cá chegar...o que só vem confirmar as minhas teorias sobre o feudalismo pós 25 de abril constatado aqui na costa norte de São Miguel.... Esta era a minha impressão ainda antes de chegar às cem páginas iniciais. Depois, fui prosseguindo nesta leitura diferente, de forte crítica social e política, enquanto percorro episódios da vida no Faial que um ou outro colecionador de jornais da época poderia conhecer, ou que existem na memória de alguns avós ainda vivos sobre essa época. Por vezes, penso que estou a ler descrições de séculos passados há muito e não de uma época que coincide com o meu período de vida. Prestes a atingir o fim do livro, existem ainda lugares que já não consigo reconhecer por terem desaparecido, mas consegui visitar o Faial numa época anterior à minha recente chegada a estas ilhas no princípio deste milénio. Foi tudo ainda bem pior do que tinha imaginado. Só não entendo por que não se revoltaram estes oprimidos contra tanta tirania.

Fiquei a conhecer quase metade dos seus habitantes e seus "apelidos" ou cognomes populares.... Nota-se ao longo da narrativa uma incansável sede de justiça pelas desigualdades sociais, pelas injustiças e iniquidades prevalentes na sociedade açoriana, reflexo de um profundo ressentimento pessoal que nem, os anos fizeram esmorecer... Infelizmente nem para o autor (psicólogo de profissão nos EUA) nem para mim veremos o dia em que as ilhas estarão entregues aos seus, a pequena massa crítica existente iria provavelmente fazer o que fez aquando do surgimento da literatura açoriana.. iam todos ser açorianos de repente, sem se separar o trigo do joio e os mais politizados iam aproveitar-se da nova e total autonomia para dominar, e como vem nos livros, o povo continuaria a

ser escravo embora teoricamente livre...hoje estou pessimista em relação ao futuro gostava de poder trazer de volta homens como Teófilo e Arriaga mas já não se fabricam...



Falta hoje espírito de missão como o que rege os colóquios da lusofonia: fazer de borla algo de que todos beneficiam sem olhar a quem e sem ter benefícios pessoais. E os que podiam pensar assim estão todos como eu, velhos e acabados...o livro conta da miséria, da pobreza, da subjugação que caracterizou a verdadeira escravatura açoriana e faialense, mais típica de uma Revolução Industrial inglesa de 1800 do que de um país alegadamente europeu. Sem assistência nem previdência social os trabalhadores eram meras peças de uma máquina a descartar e ignorar, quando doentes ou mortos, e os familiares teriam que vender todos os seus bens para os trazerem de volta mesmo quando iam a tratamento em Portugal. Fala-nos de crianças a trabalhar a troca de uma bucha de pão as horas dos adultos e a acartar as mesmas cargas pesadas fosse no carregamento de barças de carvão ou em outros mesteres.

O autor ao indignar-se contra esta exploração desenfreada – tão típica da sociedade açoriana – chama a atenção para um processo que existia em paralelo em Portugal, só que nos Açores essa exploração e humilhação era levada até aos extremos mais nojentos da exploração capitalista desenfreada. Enquanto em Portugal os servos da gleba iam tentando a sua sorte ao emigrar a “salto” para França, Alemanha, Suíça e Luxemburgo, nos Açores as portas dos EUA e Canadá, sobretudo, eram uma hipótese alternativa, mas mais reduzida. Era mais fácil na época dos iates e baleeiros em que quase bastava saltar para bordo, ou no tempo dos corsários em que a escravatura destes era preferível à existência miserável em terra.

E assim ao longo de cerca de 300 páginas vamos seguindo muitas vidas e outras tantas mortes de gente anónima que o autor ora repesca para a posteridade. Por entre muitas histórias de sucesso feitas fora das ilhas existem outras mais tristes, nomeadamente as dos que ficaram vivendo sempre acorrentados à grilheta colonial que Lisboa impõe sobre estas colónias esquecidas a que chama de Região autónoma dos Açores. Não conheço o autor pessoalmente, mas gostei deste trabalho didático, bem delineado, bem descritivo, bem pormenorizado que me leva a compreender ainda melhor por que uma verdadeira autonomia tem de ser consubstanciada na libertação do povo e esta será sempre a via da independência.
